

II MOSTRA JAZZCOMJAZZ DE POÉTICAS NEGRAS: AÇÃO CULTURAL NO PROJETO DE EXTENSÃO

2º BLACK POETICS JAZZCOMJAZZ SHOW: CULTURAL ACTION AND UNIVERSITY EXTENSION PROJECT

Aline Serzedello Neves Vilaça,

Universidade Federal de Goiás e Universidade de São Paulo (UFG e USP)

Área temática: Artes

Resumo: O presente texto apresenta reflexões sobre ação cultural e extensão universitária a partir do evento II Mostra JazzcomJazz de Poéticas Negras: resistências jazzísticas à necropolítica, realizado em junho de 2021, virtualmente e produzido pelo projeto de extensão vinculado à FEFD da Universidade Federal de Goiás, JazzcomJazz. Convocando autoras como Maria Pupo, bell hooks e Paulo Freire.

Palavras-Chave: *jazzcomjazz; ação cultural; extensão universitária.*

Abstract: This text presents reflections on cultural action and university extension from the event II(snd) Black Poetics JazzcomJazz Show: jazz resistances to necropolitics, held in June 2021, virtually and produced by the extension project linked to FEFD of the Federal University of Goiás, JazzcomJazz. Invating authors as Maria Pupo, bell hooks e Paulo Freire.

Keywords: *jazzcomjazz; cultural action; university extention.*

JAZZCOMJAZZ EM GOIÁS

O JazzcomJazz começou como curso de extensão na Universidade Federal de Viçosa em 2009. Em seguida se desdobrou em outros três projetos de extensão na mesma instituição de ensino superior, a saber: *JazzcomJazz, Jazz Brasil e Compendo a Cena*. O coletivo que tinha o grande objetivo de experienciar de forma indissociada ensino, pesquisa, extensão e criação artística tendo como inspiração central o Jazz Música e o Jazz Dança, se autocompreendeu enquanto companhia de Danças, em 2013 após ser contemplado com o Prêmio Agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura- MINC. E manteve suas atividades em Viçosa até 2015.

No ano de 2018 o projeto foi novamente institucionalizado, desta vez no nordeste em parceria com a Universidade Federal de Sergipe. Atualmente o projeto está registrado como projeto de extensão na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. Propondo o estudo da estética afrodiaspórica no Jazz como possibilidade de construção de fazeres extensionistas afrorreferenciados, ativistas e acadêmico-reflexivos.

A história JazzcomJazz mesmo ainda em seu princípio registra mais de trinta apresentações abertas a apreciação pública, produziu três monografias de conclusão de curso de graduação, uma dissertação de mestrado, publicou diversos resumos em simpósios, congressos e encontros acadêmicos. Os seis espetáculos foram apreciados por aproximadamente duas mil pessoas e as oficinas foram

ministradas presencialmente em quatro estados (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Norte).

Jazz enquanto matriz, matiz e motriz do JazzcomJazz é estudado histórica e corporalmente. O que foi e é concebido sob epistemes negro-jazzístas no Brasil e nos Estados Unidos (seu país de origem) é o escopo das pesquisas, das oficinas, mostras artísticas, reflexões teóricas e espetáculo-artísticas.

Nota-se que a história do Jazz começou muitos anos antes dos primeiros navios carregados com homens, mulheres e crianças sequestradas do território que séculos depois fora repartido como África, aportarem na costa atlântica da, hoje, imperialista América do Norte. A história do Jazz começou na síncope, no improviso, na polifonia entre outras características que já eram estruturantes na diversidade cultural e epistêmica daquele imenso continente. O Jazz já estava no corpo e na alma de africanos e africanas que no século XIX o produziram no ocidente.

AÇÃO CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Devido a avassaladora pandemia de COVID-19 que começou em Março de 2020, o projeto JazzcomJazz foi estruturado na FEFD-UFG virtualmente. Com encontro semanais com grupo de estudantes, docente e participantes externos. Há integrantes de Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo além das(os) discentes da UFG que por ventura alguns também são de outros estados. A virtualidade certamente garantiu a aproximação e a viabilidade das presenças.

Entre os dias 23 e 26 de Junho de 2021, junto da equipe JazzcomJazz-Goiás³³, realizamos e mediamos a *II Mostra JazzcomJazz de Poéticas Negras: resistências jazzísticas contra a necropolítica*. Tivemos oficinas prático-dançantes com: Lenise Nogueira, Jéssika Gomes, Wallace Gonçalves, Aline Vilaça, Saan Queiroz e Edson Santos. Debate sobre educação para as relações étnico-raciais com: Coletivo AfroCêtricas/SE, Ms. Tuwile Kin e Dra. Marlina Dorneles. Desmontagem dos espetáculos: “Diz!!!Jazz é Dança” (VILAÇA, 2014) e “Ella’s do Jazz” (VILAÇA, 2011). Apreciação do espetáculo “Áfricas: faces que nos atravessam” de Susan Santos. Palestras com: Flávia Pereira, Ms. Tonny Araújo e Ms. Juliana Jardel.

Além de mesa de partilha de pesquisas acadêmicas em andamento e concluídas. Apresentação da composição solística de Carlos Nogueira. Tributo à Cassiano e Raul de Souza mediado pelo jazzista Luan Charles. Debate sobre audiovisual e cinema negro envoltos por hipertextos jazzistas com: Joyce Prado e Luan Charles.

Mesa de conversa sobre o genocídio da juventude negra com Ms. Alessandro Conceição e com a ativista Taciana Cardoso. Tivemos também, um rico debate sobre a história do Jazz Dança com as professoras Valéria Reis e Dra. Ana Carolina Mundim. E um tributo à cantora Nina Simone, seguida da discussão sobre expropriação e apropriação das artes negras com as musicistas Sulamita Lage e

³³ Aline Serzedello Vilaça (coordenadora do projeto de extensão); Lenise Cardoso; Susan Santos; Saan Queiroz; Carlos Nogueira; Shayanna Kelly; Wallace Gonçalves (in memoriam);

Marguerite Santos.

O evento contou com convidados e participantes que fizeram as inscrições gratuitamente online dos estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Maranhão, Minas Gerais, Ceará, Bahia, Sergipe. Tivemos a chance rir, chorar, dançar, trocar experiências, desafios, estratégias, saberes e partilhar nosso apreço pelo Jazz e nosso compromisso antirracista de abordá-lo de maneira negro-orientada.

No artigo, “*Ação cultural, ação artística e políticas públicas: notas para um debate*” (2014), de autoria da profa. Dra. Maria Lúcia Pupo ao diferenciar *Ação Cultural* de *Ação Artística*, a autora nos explica que a *Ação Cultural* está vinculada ao conceito antropológico de cultura. Porém, ambas estão comprometidas com a relação entre a cultura e a sociedade, são “polos irradiadores de arte e de educação”, é observado também a “preocupação com a multiplicação das frentes de atuação”, há também uma complementariedade entre “ações de caráter amplamente cultural” as ações que visam a “formulação de discurso artístico”. (PUPO, 2014, p.47-48)

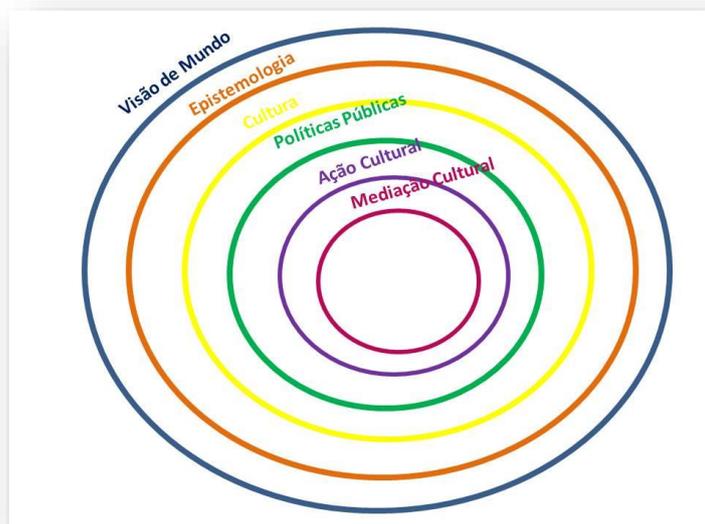
Com o sabor do “risco”, assim como pontua a educadora feminista negra *bell hooks*, vejo em Pupo, a importância do inesperado, uma abertura consciente e madura à experimentação, transformando pessoas, espaços e práticas educativas. “Muitas vezes nem os próprios parceiros têm as respostas para as propostas lançadas; a dimensão experimental mantém-se sempre em primeiro plano” (PUPO, 2015, p. 140).

Pupo ao discutir o conceito e prática de mediação cultural a partir de uma experiência parisiense, afirma que a ação cultural e suas discussões implicam necessariamente reflexões acerca da relação entre as artes e a sociedade e os desafios inerentes dessa relação.

As discussões no bojo da *Ação Cultural* esbarram em questões como: contrapartida social, o papel do mediador, como formar o mediador, a submissão de projetos em editais públicos e público-privados, a elaboração de leis de fomento e dos editais, residência artística, oferta de oficinas e/ou palestras.

Os objetivos de grupos analisados e vistos como executores de práticas com êxito no que viria a ser *Ação Cultural* e/ou *Artística*, me parecem constituir objetivos dessa forma de atuação, a saber: “ampliar a esfera de indivíduos para os quais as artes cenais constituem um fazer humano significativo” (PUPO, 2014, p. 53) e na conclusão do artigo, o comentário sobre estes projetos com êxito, a autora nos mostra mais uma característica importante: “saudável queda de barreiras entre a pedagogia e a criação artística e à invenção de novas possibilidades simbólicas por parte dos cidadãos”. (PUPO, 2014, p. 53)

Gráfico 1. Estruturação encadeada de condicionantes da Ação Cultural.



O gráfico 1, que precede esse parágrafo apresenta uma proposta de estruturação encadeada de condicionantes da Ação Cultural. Onde os círculos circunscritos mostram a suposta relação de subordinação entre eles, ou seja, da menor para a maior circunferência há dependência, subordinação e aparentemente se encadeiam em sentido único do maior para o menor.

A *Mediação Cultural* depende e está subordinada à Ação Cultural, que por sua vez depende e subordina-se às Políticas Públicas que são construídas a depender e subordinadas à Cultura dominante, escolhida como empreendimento nacional.

EXTENSÃO; EVENTO; PRODUÇÃO E AÇÃO CULTURAL

Enquanto a forma de ação assistencialista, vertical, manipuladora, envolve, necessariamente, a “invasão cultural”, a que defendemos propõe a “síntese cultural”. (FREIRE, 1968, p. 29)

Este subitem tem por objetivo problematizar algumas diferenças, pontes, possíveis diálogos, entre: extensão universitária no campo das Artes, eventos artístico-culturais, produção artístico-cultural e *Ação Cultural* tendo como evento motivador a II Mostra JazzcomJazz de Poéticas Negras.

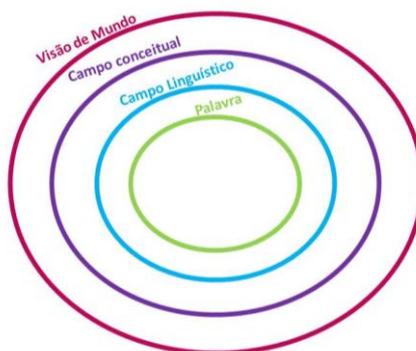
Vale suscitar mais esse desejo por questionamentos ao confessar que aproximações com: lazer,

agitação cultural, animação cultural, entretenimento, recreação, entre outras, também poderiam ser realizadas neste texto, no entanto, não faremos e, tampouco colocaremos os contextos históricos das diferenciações destes termos.

Paulo Freire no livro “*Extensão e Comunicação*” (1985), publicado em 1969 em Santiago do Chile pelo *Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária*, e ressaltou o ano de primeira publicação como forma de demarcar a relevância e atualidade das discussões e críticas.

No início do livro o sentido do termo é explorado, dando atenção ao caráter semântico. Fortalecendo a discussão pontuando que ao colocar a palavra sob análise considerando seu campo linguístico há de se considerar o campo conceitual em que ela está inserida e com isso, pode se observar a visão de mundo a que estes dois campos se submetem, ou seja, mais um gráfico de interdependências pode se formar.

Gráfico 2. Subordinações da palavra



Neste universo de análise das interdependências, Freire propõe uma busca por dimensões do campo associativo e gera o pertinente quadro citado logo abaixo:

- ExtensãoTransmissão
- ExtensãoSujeito ativo (o que estende)
- ExtensãoConteúdo (que é escolhido por quem estende)
- ExtensãoRecipiente (do conteúdo)
- ExtensãoEntrega (de algo que é levado por um sujeito que se encontra “atrás do muro” àqueles que se encontram “além do muro”, “fora do muro”. Daí que se fale em atividades extra-muros)
- ExtensãoMessianismo (por parte de quem estende)
- ExtensãoSuperioridade (do conteúdo de quem entrega)
- ExtensãoInferioridade (dos que recebem)
- ExtensãoMecanicismo (na ação de quem estende)
- ExtensãoInvasão cultural (através do conteúdo levado, que reflete a visão do mundo daqueles que levam, que se superpõe à daqueles que passivamente recebem). (FREIRE, 2005, p. 12-13)

Assim, contrariando os objetivos finais de propostas assistencialistas, pois: “o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas”. (FREIRE, 1985, p.

11) Freire problematiza que se a ação extensionista incidir apenas no fenômeno a ser sob técnicas reajustado, corrigido e desconsiderar as pessoas e a comunidade diretamente vinculada a tal fenômeno, a extensão não estaria sendo efetivada e inclusive não caberia nomeá-la como tal.

Mas, precisamente porque sua ação de extensão se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão, o conceito de extensão também não tem sentido do ponto de vista humanista. E não de um humanismo abstrato, mas concreto, científico. (FREIRE, 1985, p. 11-12)

A abstração da humanidade, da capacidade inteligível e criativa dos sujeitos, o fazer que apenas permite uma “transmissão”, mostra que teríamos do campo associativo citado acima uma transformação do “homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações”. (FREIRE, 1985, p. 13)

A partir de dissertações de Jose Luis Paiva e Roberto Gurgel podemos situar alguns pontos importantes da história da extensão universitária no Brasil e com sua história a concepção política a que a primeira está submetida.

Observei anteriormente que a Reforma Universitária de 1968 foi responsável pela obrigatoriedade da extensão nas universidades brasileiras. Porém, esse movimento de implementação da extensão, segundo o que nos coloca Fagundes (1986, p.14), tem como uma de suas justificativas a diminuição da distância e do isolamento da universidade em relação ao conjunto da população, a partir do reconhecimento de que tanto o ensino como a pesquisa, não davam conta de, por si só, justificarem plenamente a importância social da academia, isso principalmente por não atenderem diretamente a um número significativo de pessoas, evidenciando assim o caráter elitista e excludente desta. (PAIVA, 2003, p.08)

Paiva, cita inclusive a Faculdade de Ensino Superior de Agronomia de Viçosa, a mesma que no século XXI foi o grande canteiro de obras do JazzcomJazz, pontua o caráter vertical e hierárquico que era proposto pela aquela instituição e por sua prática extensionista que era o segundo modelo a ser implementado no país.

Lembrando que o conceito de cultura muito se vincula ao cultivo, não é de se estranhar essa ligação histórica da extensão nascida na agronomia e depois nas técnicas agrárias desenvolvimentistas, ir caminhando até ser repensada no campo da cultura artístico-criativa.

No entanto, mesmo propondo cultivos diferentes, uma cultivando girassóis e soja, outra cultivando dançares e megaeventos, a forma metodológica e conceitual é que está em jogo. Disputa-se aqui a manutenção da ordem verticalizada e opressora *versus* o rompimento com o que silencia e a construção coletiva do que liberta. E esses extremos podem ser replicados no cultivo de girassóis tanto quanto na construção de espetáculos.

Assim, elencamos como característica fundamental a ser combatida o assistencialismo.

Paiva (2003, p.08-09), ao ler Garcia (1976) e Sousa (2000), endurece as críticas à estrutura da

universidade apontando esta instituição de construção de saber como única e restritamente reprodutora da norma do Estado, e no caso, um Estado elitista, pouco democrático, que despreza a existência de outros saberes e absolutamente eurocentrado.

E tal crítica dura e negativa (em termos), pode ser encontrada em Freire, quando este afirma que:

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles³⁴ que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. (FREIRE, 1985, p. 13)

No entanto, é o caráter educativo do fazer extensionista que estamos junto de Freire interessados, sem esquecer que a conotação real do conceito pode levar àqueles campos associativos que reduzem a palavra ao verbo de caráter assistencialista e hierárquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo virtualmente tivemos a ativa participação dos(as) inscritos no evento. Questinando, aplaudindo, concordando, discordando, vibrando, partilhando experiências e dúvidas, convidados(as) e inscritos viveram a II Mostra JazzcomJazz de Poéticas Negras de maneira a emocionar e muito satisfazer nossa expectativa enquanto produção da ação cultural.

Ainda temos algumas dúvidas com relação a permanência dos projetos de extensão do formato online. No entanto, observamos que as ações culturais e artísticas podem acontecer virtualmente e inclusive garantiram oxigênio para as tensas rotinas de isolamento que aderimos devido inesperada e mortal pandemia anteriormente citada.

Considerando a profundidade das vivências possíveis nos projetos de extensão apontamos a importância de lutarmos por uma sociedade saudável (sem pandemias, sem violência, sem genocídios, sem fome, etc) na qual possamos conviver e aprender no estar-com.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ªed. Editora Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- PAIVA, Jose Luis de et al. **Lazer, política cultural e extensão universitária no projeto de ensino, pesquisa e extensão:** recreação comunitária. 2003.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Para alimentar o desejo de teatro. **Sala Preta**, v. 9, p. 269-278, 2009.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Mediação artística, uma tessitura em processo. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 17, p. 113-121, 2013.

³⁴ Nas citações diretas serão mantidos os acentos da publicação original.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Ação cultural, ação artística e políticas públicas: notas para um debate. *A[l]berto: revista da SP Escola de Teatro*, São Paulo, n. 7, p. 45-53, 2014.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Para alimentar o desejo de teatro**. São Paulo: Hucitec, 2015.